

## **Um ensaio sobre a gagueira**

***Por: Thays Teixeira***

A gagueira de todo dia, o super-ego, maldito que nos limita! Quem foi mesmo que disse que a liberdade é sempre um sonho? Eu não sei, mas ele ou ela estava certo. Todos nós somos gagos, empatados por uma corrente de regras, de moralidade exagerada, de tudo em exagero, que limita sem fim a nossa tão sonhada liberdade, deixando-a cada vez mais no território feérico.

E esse mundo de sonhos é cada vez mais virtual, imagético e ligeiro. O jeito de contar o tempo, o jeito de falar, de agir e se relacionar, tudo isso mudou a velocidade dá as relações novas características. Essas por sua vez são mais longínquas do contato e nos tornam cada vez mais presos e iludidos com a falsa sensação de liberdade.

No mundo quadrado, na ilha limite de cada ser - humano está à gagueira, num tempo onde tudo é veloz, simultâneo, e o obsoleto é a cada segundo, é mesmo bem mais difícil falar qualquer coisa. KD vc? To xaudade! Te dollu! Baum fds! Naum Naum! Oh Gnt! Quanta voz empatada com essa nova linguagem tão estranha, feia, por assim dizer, mas rápida que responde as necessidades desses novos tempos, no entanto às vezes fico me perguntando se é mesmo uma necessidade ou se é marca do fim dos tempos! Gente não é mais gente e fim de semana não é mais fim de semana e mesmo assim ainda parece estar bom!

O virtual está tão ligado ao tempo real, que se afasta da realidade, ao mesmo tempo que se julga próximo dela. Nos hipertextos faltam letras, faltam conteúdo. A linguagem e o discurso gago vão se construindo e se enraizando no cotidiano. E do virtual ao real o nosso falar vai sendo empatado e todos sofrem com os acidentes provocados por esta nova “comunicação”, ou melhor, pseudo-comunicação. Sempre precisamos pesquisar o que aqueles símbolos e palavras atropelados querem dizer.

Que medo é esse que temos falar limpidamente, isso mesmo falar sem engasgos, tem algo aí criado pelo homem que nos que domina , a linguagem, como no mito do frankistaim, a criatura mandando no criador. A modernidade tecnicista que trabalha com todo o cinismo possível, que usa e abusa das imagens, porque com elas não é preciso mesmo falar nada, dizem, quando dizem, que elas falam por si só, mas será mesmo? A publicidade, os outdoors

estão aí em todos os lugares emitindo suas mensagens na velha e sempre comunicação acidentada, com percalços e limites, então até a visualidade não é tão límpida.

Falar limpidamente, nem no virtual e muito menos fora dele, as regras podam, e podam com força. E se eu quiser gritar na rua, e se eu quiser gargalhar bem alto dentro do ônibus, eu até posso mas os olhos e a boca do sepe-ego vai está lá me dizendo – olha isso não pode, você está num lugar público e em público não se deve falar –é mesmo eu me rendo nunca posso falar o que eu quero, muito menos tudo e pensando bem, bem mesmo! Ninguém pode, porque alguém já falou que a liberdade é só um sonho e deve ter sido o maldito super-ego!